

Segunda-feira
7 de Dezembro de 1998

Diário • Ano 9 n.º 3189
140\$00
IVA incluído

Director **José Manuel Fernandes**
Directores-adjuntos **Nuno Pacheco**
e **José Queirós**

Rua Agostinho Neto, Lts. 6/7 — 1769-010 LISBOA
Rua João de Barros, 265 — 4150-414 PORTO
Público na Internet: <http://www.pUBLICO.pt>
E-Mail: publico@publico.pt

PÚBLICO

edição LISBOA

PUBLICIDADE

CUTTY SARK



ORIGINAL
SCOTS WHISKY

Importador Exclusivo Adriano Ramos Pinto, S.A.

Câmara de vídeo servia para avisar a chegada da Inspeção-Geral de Trabalho

Fábrica escondia menores

A Inspeção-Geral do Trabalho descobriu numa fábrica de calçado em Felgueiras nove menores com idades entre os 13 e os 15 anos. Os jovens encontravam-se no interior de uma carrinha e de um contentor, onde se esconderam quando a presença dos inspectores foi detectada por uma câmara de filmar colocada à

entrada. Mais um caso de sofisticação na dissimulação do emprego de menores a ter em conta pelo Conselho Nacional contra a Exploração do Trabalho Infantil, que se reúne, pela primeira vez, na próxima quarta-feira. Mário Pinto, o ex-ministro da República nos Açores, preside a este órgão.

páginas 12 e 13

China Mais flexibilidade no controlo populacional

A China, país onde se concentra 22 por cento da população terrestre, alterou a política de controlo da natalidade. Deixou para trás os métodos coercivos e tenta agora convencer a população que riqueza não é ter filhos mas sim uma boa casa e dinheiro para comprar conforto.

Ana Gomes Ferreira, na China

página 2 e 3

Alqueva Sampaio contra assimetrias regionais

página 4

MANUEL MOURA / LUSA



José Saramago, ontem, a bordo do avião que o conduziu à capital sueca

ECONOMIA

As vítimas das fusões

COMPUTADORES

O "top" dos multimédia

DESPORTO

Futebol

Artur Jorge de regresso a Paris

I Divisão

Boavista e Estrela não cedem

PÚBLICO antecipa linhas gerais do discurso de José Saramago hoje na Suécia

Em nome dos avós

• Carta de Estocolmo: uma crónica de Pilar del Rio

Durante 45 minutos, José Saramago dirá hoje em Estocolmo, em português, as palavras que ficarão como o discurso do Nobel-98. O avô Jerónimo e a avó Josefa serão os primeiros nomes que Saramago, neto destes camponeses da Azinhaga do Ribatejo, invocará. É o arranque de um discurso de 15 páginas cujas linhas essenciais o PÚBLICO antecipa. Pilar del Rio, mulher do escritor, descreve em crónica exclusiva as suas impressões das primeiras 24 horas do casal na Suécia. *Da nossa enviada, Alexandra Lucas Coelho em Estocolmo*

páginas 20 e 21

PUBLICIDADE

Crédito
Habitação
BPI

TÃO
PERSONALIZADO
QUE TEM
UMA TAXA
DE JURO
SÓ PARA SI.

O PÚBLICO adianta as linhas essenciais do discurso do Nobel da Literatura de 1998 perante a Real Academia

As primeiras 24 horas de Sara mago na Suécia

MANUEL MOURA/LUSA



Saramago fez-se à neve, sem luvas ou cachecol — aqui acompanhado por uma jornalista (portuguesa) da televisão local

Da nossa enviada, Alexandra Lucas Coelho, em Estocolmo

Esta tarde, José Saramago consagra-se como Prémio Nobel da Literatura. Perante a Real Academia Sueca, durante 45 minutos, o escritor português dirá, na sua língua, as palavras que ficarão como o discurso do laureado de 1998. O PÚBLICO adianta as linhas essenciais das cerca de 15 páginas escritas em Lanzarote. É o momento de maior expectativa na semana de Estocolmo, até ao ritual da cerimónia de entrega do prémio, na quinta-feira. Ontem, com neve e frio, Saramago andou tranquilo pelas ruas sem luvas, cachecol ou chapéu, confirmando uma espantosa resistência física.

O avô Jerónimo e a avó Josefa serão os primeiros nomes que José Saramago, neto destes camponeses da Azinhaga do Ribatejo, invocará hoje à tarde, em Estocolmo, na sua Conferência do Prémio Nobel da Literatura 1998, perante a Real Academia Sueca. "Mestres de vida", chamará o escritor aos seus avós, no arranque do texto de cerca de 15 páginas, que foi alinhando na casa de Lanzarote, no intervalo das deambulações em que tem andado nos últimos dois meses, desde que se tornou o primeiro autor de língua portuguesa a ser laureado.

O discurso, a cujas ideias essenciais o PÚBLICO teve acesso, mantém-se em segredo até às 16h30 (hora de Lisboa), momento em que Saramago se levantará perante os membros da Academia, como, em anos recentes, fizeram Octavio Paz ou Seamus Heaney, Wislawa Szymborska ou Camilo José Cela, Dario Fo ou Naguib Mahfouz.

A evocação da infância de Saramago prossegue com uma referência aos pais, através da descrição de uma fotografia antiga, o pai encostado a uma coluna, a mãe com o braço em volta. Lembra das raízes, o escritor passa então à obra. Percorre um a um os seus romances, a partir de "Manuel de Pintura e Caligrafia"

(1977), apresentando-se simultaneamente como criador e criatura dos seus livros, explicando como, de alguma maneira, as personagens literárias que foi compondo se incrustaram nele, autor. Citará os camponeses do Alentejo de "Levantado do Chão" (1980), a Blimunda de "Memorial do Convento" (1982), o Ricardo Reis de "O Ano da Morte..." (1984), até chegar ao José de "Todos os Nomes" (1998).

Será um discurso sobretudo literário mas atravessado por sinais da visão que Saramago tem do mundo e dos homens. A intervenção mais marcadamente política fica guardada para a cerimónia de entrega do prémio, na próxima quinta-feira, dia 10. Nesse ritual rigoroso e solene, o Nobel terá direito a falar apenas dois minutos — Saramago tinha preparado um texto de sete minutos, mas ontem, no seu primeiro dia em Estocolmo, foi avisado que teria mesmo de o encurtar. As regras suecas são absolutamente inflexíveis, como de resto tem verificado, à sua custa, a comitiva (ver caixa).

Sai Arafat entra Saramago

Não se cruzaram por pouco, o Nobel da Literatura e o li-

der da Autoridade Palestiniana, um a chegar, o outro a partir de Estocolmo e, dentro da capital sueca, do mesmo hotel, o "Grand Hotel", com vista para o Castelo do Rei, à beira do Báltico, num dos muitos braços de água que percorrem esta cidade-arquipélago. Yasser Arafat deixou Estocolmo no domingo, horas antes de José Saramago aterrar, já noite escura, no meio da neve.

Ontem de manhã, logo depois do pequeno-almoço, o Nobel saiu à rua para o seu primeiro compromisso mediático, não contando com a breve conferência de imprensa que dera na véspera, no aeroporto. Fato e gravata, sobretudo leve, mãos nos bolsos, José Saramago desceu do quarto, estugou o passo (obrigando uma pequena comitiva a apressar-se para o seguir) e fez-se ao passeio, coberto de neve, sem luvas, cachecol ou chapéu, aparentemente indiferente à temperatura negativa deste Dezembro em Estocolmo.

Acompanhado pela "sombra" destacada pelo Ministério sueco dos Negócios Estrangeiros, o sr. Tore Zetterberg (que fala português, e que Saramago trata amigavelmente por Tore), o escritor seguiu ao encontro do primeiro canal da TV sueca, na

limousine azul escura, ao seu dispor durante esta semana. A proposta era destemida: em vez de uma entrevista em estúdio, uma conversa-passeio (portanto, debaixo de neve) num dos bairros mais antigos de Estocolmo, tradicional refúgio de artistas, em tempos antigos um bairro de pescadores.

"Se eu fosse um escritor sueco, aqui é que eu gostava de viver", acaba por declarar Saramago depois de andar para trás e para a frente no meio da neve, a espreitar as casas antigas, o miradouro com três bancos de madeira (impraticáveis, devido ao gelo acumulado), as árvores de ramos secos — finas esculturas brancas alinhadas nos passeios.

Frete a uma das casas, um homem varre a neve da porta até que dá pelo grupo em volta de Saramago. As câmaras de televisão (RTP e TV sueca) não permitem ao Nobel uma passagem discreta. O homem pára de varrer, acena, a jornalista da televisão local — Ana Barata, uma portuguesa que aqui vive há 20 anos — explica-lhe quem é o cavalheiro de cabeça a descoberto, tão desenvolto no meio do frio, e logo se cumprimentam ali, Stig Bjork, restaurador de antiguidades, cidadão de Estocolmo, e José Saramago, No-

bel da Literatura, com neve até aos tornozelos.

Já dentro da limousine, com o PÚBLICO e a Lusa à boleia, Saramago revela-se um razoável conhecedor da capital sueca: "A primeira vez que aqui vim foi há uns 14 anos, a propósito do 'Memorial...', depois voltei cinco ou seis vezes. Mas nunca tinha apanhado este tempo." A certa altura a comitiva pára e Saramago é informado de que a TV sueca está à espera: "A espera? Outra vez?". O Nobel é ultrapassado pela sua própria agenda. Nova etapa na conversa-passeio-enquanto-neva: "La Mano" — é uma estátua (uma mão gigante aberta para o céu) em homenagem aos 500 suecos que morreram a combater na Guerra Civil de Espanha. Ana Barata, com o seu microfone, conduz o escritor à altura do punho da estátua e encerra a entrevista, que os telespectadores suecos poderão ver quinta-feira, às 20h, depois de um perfil de Saramago.

"O novo herói de Portugal"

No caminho de regresso ao "Grand Hotel", o escritor descobre que a imprensa popular

local o apresenta como "o novo herói de Portugal". É o que vem no título do vespertino "Folha da Tarde", um milhão de exemplares — tiragem respeitável atendendo a que a Suécia tem nove milhões de habitantes. Numa coluna ao alto, nas páginas centrais, o jornal mostra Saramago a cumprimentar o seu amigo Amadeu Batel, um português aqui radicado, professor de Literatura na Universidade de Estocolmo, "Ficamos logo amigos, na minha primeira visita", explica Saramago, depois de ironizar sobre o título: "Quem dera que os heróis fossem heróis só por escreverem livros!"

Ao fim da tarde, o Nobel da Literatura encontrou-se com os seus colegas laureados este ano, incluindo Amartya Sen, o indiano Nobel da Economia, com quem Saramago declarou ter "opiniões em comum" quanto à "necessidade de pôr a economia ao serviço das pessoas". As primeiras 24 horas do escritor português em Estocolmo terminaram com um jantar privado com Paulo Castilho, embaixador português e autor de dois romances, sendo que o de estreia, "Fora de Horas", é, segundo Saramago resumiu ao PÚBLICO, "interessantíssimo". ■

Carta de Estocolmo

SABÍAMOS que vínhamos para o frio, mas não tínhamos pensado muito na neve. A verdade é que a neve é uma realidade na pintura em cinema, mas não faz parte do nosso quotidiano, daí a nossa surpresa quando vimos que estava a nevar e que as ruas estavam brancas, tão brancas como os presépios da infância e as imagens do cinema. Quero dizer que, desde que chegámos a Estocolmo e vimos a neve, nos instalámos noutra realidade e tudo o que se passe nos próximos dias, sendo a vida real, será vivido num plano diferente daquele em que habitualmente nos movemos e em que somos quem somos.

E a neve, sim, mas também a brevidade do dia: estou a escrever às três e meia da tarde e é noite fechada. O hotel, como a cidade, está iluminado com um esbanjamento de luzes que aos nossos avós, tão respeitosos perante a electricidade, muito indignaria. A profusão de luzes é um dos primeiros impactos ao chegar a Estocolmo. Todas as ruas, todas as casas, todas as janelas das casas têm a sua própria luz, numa tentativa voluntariosa de se opor à ausência do Sol e, portanto, de claridade natural, que é — ainda que não o saibamos — fonte de alegria. Aqui os suecos têm de inventar a sua luz, a sua forma de caminhar sobre a neve, de comunicar entre si e de vencer a hostilidade climática. E vão ganhando essas batalhas — pelo menos assim me pareceu quando vi meninos a brincar na rua nevada como se estivessem no Jardim da Estrela, ou quando passo diante do hotel um grupo de homens com as suas canas de pesca, dispostos — Deus Santo — a permanecer horas de pé aguardando que os peixes se acerquem, ignorando o frio que dos pés vai subindo e se instala nas pessoas como uma segunda pele.

Os laureados com o Prémio Nobel de 1998 vão chegando a Estocolmo. Ontem à noite cumprimentaram-se o de Economia e o de Literatura. A barreira da língua sobrepõe-se a uma certa irmandade que, supinho, gerará o compartilhar semelhante distinção. Esta tarde está previsto um encontro entre todos os premiados. Será depois enviada esta carta. A seguir, cada um irá à sua vida, ao que é a sua vida neste parêntese nevado e fantástico que é a estadia em Estocolmo quando Nobel.

Nevado e fantástico, digo bem, pois conta-se que as luzes que se vêem em todas e ca-

da uma das janelas das casas não estão ali para fingir um Sol ausente ou para enfeitar, mas para evitar que entrem os gnomos e façam travessuras nas casas.

Nesta cidade que por estes dias tem cabimento no coração de tantos portugueses vivem assim mesclados sonhos, fantasias e realidades. Sempre tamisados pela branquidão da neve, pela luz de um milhão de lâmpadas e pelo frio, sempre revitalizados pela amizade expressa daqueles que se acercam ou enviam as suas palavras.

São os dias mágicos do Prémio Nobel. ■

Pilar del Rio



Pilar del Rio mostra um jornal sueco com uma grande reportagem sobre o marido

ecos de Estocolmo

Whisky Sour para Saramago

Quatro centilitros de whisky, dois de xarope de açúcar, três de sumo de limão. Bate-se com gelo q.b. e já está: "Um verdadeiro 'cocktail' anticlerical" para José Saramago. É a proposta de António da Costa Coutada, um dos mais famosos "barman" de Estocolmo, mais conhecido como "Ringo" desde os tempos em que andou na marinha mercante: "Ficou esse nome, já nem sei por quê." Este português de "mais de 50 anos", que se fez ao mar um dia e acabou aqui, por amor de uma sueca (sua mulher até hoje), explica que nada melhor do que uma bebida semi-amarga para acompanhar a preceito o espírito "anticlerical" que detecta nos romances de José Sara-

mago. "É para contrapor aos sermões da Igreja, que são sempre doces. Os dele são amargos." Leu primeiro "Memorial do Convento" ("pensei: mas há portugueses que escrevem tão bem?"), depois, "O Evangelho segundo Jesus Cristo" ("aquela veia anticlerical..."), mas o livro que prefere é "Viagem a Portugal": "Põe-me com vontade de ler e de viajar". A notícia da atribuição do Nobel surpreendeu-o, por acaso, na terra natal, quando ia de carro entre Braga e Barcelos: "A minha mulher ligou-me para o telemóvel... foi uma alegria fantástica!". Conhece Saramago das outras visitas que o escritor fez a Estocolmo mas, desta vez, ainda não se encontraram no bar do Grand Hotel, onde "Ringo" é um mestre apreciado. Na pausa do estrito programa do Nobel, haverá sempre um Whisky Sour à espera.

Tiragens suecas

A Caminho está satisfeita com as vendas de Saramago na Suécia. Logo depois do anúncio do Nobel, foi feita uma tiragem extra de 15 mil exemplares, que esgotaram, e a partir daí as vendas "dispararam", segundo o editor Zeferino Coelho. Ontem, que era domingo, foi um dia mau para verificar a visibilidade do escritor português nas livrarias. Os tradutores suecos aproveitaram o dia feriado para convidar Saramago para um almoço informal. Entretanto, o editor local, que tem direito a dez convidados (tal como o laureado) será o anfitrião de dez editores de todo o mundo, que assistirão na quinta-feira à cerimónia de entrega do prémio.

Uma regra é uma regra

Bem quis o embaixador português Paulo Castilho ir esperar José Saramago ao aeroporto. Mas, segundo uma fonte sueca, essa possibilidade não estava prevista e o representante de Portugal na Suécia acabou por não poder receber o primeiro Nobel português da Literatura. Os suecos são rigorosos cumpridores de regras e tudo o que gira em torno da Real Academia Sueca é de um rigor ainda mais absoluto. O editor de Saramago, Zeferino Coelho, da Caminho, pôde comprovar isso mesmo quando se preparava para calmamente assistir à conferência de imprensa que o Nobel deu à chegada ao aeroporto de Estocolmo. Ficou à porta. ■ A.L.C.

"Teatros e Arenas"

Programadores culturais encontram-se no Porto

O TEATRO Rivoli, no Porto, acolhe, de 17 a 20 deste mês, a iniciativa "Teatros e Arenas — Assembleia Geral de Programadores". Iniciativa da Culturporto com a "complicidade" do Instituto Português das Artes do Espectáculo (IPAE), pretende, "para além de criar um espaço de troca de ideias e experiências, discutir algumas questões que se levantam com esta nova profissão de programador, que em Portugal já inclui um bom número de profissionais", notam os promotores.

"Teatros e Arenas" abre com uma conferência de António Pinto Ribeiro, director artístico da Culturgest. "O Programador e o Desenvolvimento Cultural e Artístico/Formação de Públicos" e "Objectivos e Estratégias do Programador" são as sessões que ocupam o dia 18. São oradores Gil Mendo (IPAE), Annetie Vanacker (Rotterdamse Scouwburg), Miguel Lobo Antunes (Centro Cultural de Belém), Isabel Alves Costa (Rivoli), Manuel José Vaz (Culturgest), Nacho Checa (Associação Zé dos Bois), Mark Deputter (CCB), Jody Myers (South Bank Centre), Yvette Centeno (Acarte), Mónica Lapa (Danças

na Cidade), Paulo Gouveia (Teatro na Década) e Jean Loup Passek (Centro Georges Pompidou).

No sábado têm lugar os painéis "Programação/Difusão" e "Programação/Festivais", que contam com as participações de Carlos Pimenta (IPAE), Paulo Ribeiro (CRAE das Beiras Viscu), Isabel Barros (Balletteatro Auditório), Nuno Cardoso (Auditório Carlos Alberto), Abílio Hernandez (Teatro Gil Vicente), Jorge Queiroz (Montemor-o-Novo), Manoel Rodeiro (Centro Galego de Arte Contemporânea), Lucile Bodson (Théâtre de la Marionnette à Paris), Adelino Tacanho (Festival dos Capuchos), João Garcia Miguel (Festival X), José Laginha (Devir), Mário Micaelo (Festival de Curtas-Metragens de Vila do Conde) e Armando Valente (Citemor).

O último dia é reservado às conclusões e à criação da designada "Rede de Programadores". Espera-se que fiquem respondidas algumas destas questões: "Será que o programador é o responsável pelo desenvolvimento cultural e artístico, pela descoberta de novos valores? Pela formação ou alargamento de públicos?" ■ O.F.

III Bial de Arte da AIP inaugurada a 17 As escolhas dos críticos

A TERCEIRA edição da Bial de Arte da Associação Industrial Portuguesa (AIP) é inaugurada no dia 17, no Europarque, em Santa Maria da Feira, com a presença do ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho. A comissão organizadora é presidida por Valente de Oliveira, representante da AIP, e conta com a colaboração da Cooperativa Arvore, representada por José Rodrigues.

Uma das novidades do evento é a sua divisão em dois pólos distintos, um dedicado ao surrealismo, o outro formado por uma selecção de artistas feita por 17 críticos de arte e denominado "Panorama da Arte Contemporânea Portuguesa".

O módulo dedicado ao surrealismo é comissariado por José Alexandre Melo (que escolheu Alexandre Conefrey, Paulo Lopes, Paulo Scavullo e Patrícia Garrido), Alexandre Pomar (Augusto Alves da Silva, José M. Rodrigues, Rui Serra e José Loureiro), António Carreira Pinto (Ana Pinto, Carlos Vidal, José Pastor e Luís Palma); Bernardo Pinto de Almeida (Albuquerque Mendes, Cláudia Amandi, Paulo Almeida e Rute Rosas); Carlos França (Ana Vidigal, Fátima Mendonça, Miguel Telles da Gama e Mónica Machado); Carlos Vidal (Cláudia Vaz, Francisco Albino, João Onofre e Pedro Reis); Egidio Alvaro (António Melo, João Dixo, Luís Darocha e Rocha Pinto); Fátima Lambert (Helena Almeida, Pedro Tudela, Rita Castro Neves e Sebastião Resende); João Pinhanda (Carlos Roque, Rui Valério, Joana Vasconcelos e Rui Toscano); Maria João Fernandes (Cristina Valadas, Isabel Cabral/Rodrigo Cabral, Manuel Malheiro e Paulo Neves); Miguel von Haffe Pérez (António Olaio, Catarina Coutinho, João Paulo Feliciano, Pedro Cabral/Ruy Otero); e Paulo Cunha e Silva (Albuquerque Mendes, António de Sousa, Cristina Mateus e Fernando Pinto Coelho). ■ O.F.

Paralelamente à exposição, realizam-se conferências, um ciclo de cinema surrealista e uma feira do livro.

A selecção dos críticos para o "Panorama da Arte Contemporânea Portuguesa" é diversificada. Se a escolha do director adjunto da Fundação de Serralves, João Fernandes, recaiu apenas sobre uma artista (Lourdes Castro), a maior partidos proponen-